

Mulheres, Territórios e Violências: histórias de lutas

Women, Territories and Violence: stories of struggles

Mujeres, Territorios y Violencias: historias de luchas

Ana Valéria dos Santos Silva¹

Paula Faustino Sampaio²

Os estudos na área de Ciências Humanas, entre outras áreas das ciências, mostram que os colonialismos e as colonialidades têm violado sistematicamente povos e indivíduos na América Latina e no Caribe. Tais reflexões apontam que essas estruturas interseccionam práticas fundadas em conceitos sobre raça, gênero, classe, sexualidade e geração, refletindo padrões de violência colonial de longa data. Nesse contexto, o dossiê “Mulheres, Territórios e Violências: Histórias de Lutas”, publicado pela *Revista Anômalas*, uma publicação do Grupo de Pesquisa e Estudos em Gênero, Sexualidades, Classe e Etnicidades/Raça (ANÔMALOS/UFCAT/CNPQ) e do Instituto de História e Ciências Sociais da Universidade Federal de Catalão (INHCS/UFCAT), apresenta artigos que exploram aspectos da estrutura da violência na história do Brasil contemporâneo.

Contar histórias de lutas é, entre outros aspectos, narrar criticamente sobre a violência perpetrada contra as mulheres nos diversos contextos socioculturais. O primeiro conjunto de artigos deste dossiê apresenta o artigo “*Violência contra as mulheres na fronteira Brasil-Bolívia: Possibilidades a partir da abordagem decolonial*”, das autoras Vivian da Veiga Silva e Dieimi de Souza Rufino, que analisam um grande número de medidas protetivas, documentos que indicam aspectos da violência contra as mulheres na cidade de Corumbá, na fronteira seca do Brasil com a Bolívia, e a urgência de uma crítica decolonial. Em seguida, o artigo “*Invisibilidade e violência doméstica entre mulheres: Uma análise da proteção legal e desafios no acesso à justiça*”, da autora Mary Rocha da Silva, investiga o funcionamento da Lei Maria da Penha em casos de agressões sofridas entre mulheres em relações homoafetivas.

Por sua vez, os artigos “*O impacto do racismo na autoestima de mulheres negras no contexto brasileiro*”, das autoras Júlia Volpato Mariano e Marcelo Vinícius Costa Amorim, e “*Mulheres Negras e o Abandono Social: Marcas do Colonialismo e da Territorialidade*”, das

¹ Mestra em História pela Universidade Federal de Alagoas E-mail:

² Doutora pelo Curso de História/Programa de Pós-Graduação em História/Faculdade de Ciências Humanas/Universidade Federal da Grande Dourados. E-mail:

autoras Ana Maria da Silva Bueno, Stephany Matias de Oliveira Crisóstomo e Rosalinda Chedian Pimentel, desvelam a profundidade do colonialismo, fundado no racismo, e as complexidades dos projetos de exploração e dominação capitalista, incidindo sobre as mulheridades.

A violência patriarcal não cessa, ao contrário, ela persiste e se renova em suas formas de expressão, sendo fundamental as lutas feministas contra o patriarcado. O segundo conjunto de artigos contém o estudo *“A violência de gêneros nos mitos cosmogônicos grego e iorubá”*, do autor Robson Gomes de Brito, que analisa a expressão da violência em narrativas mitológicas de dois territórios diferentes, sendo que, na narrativa ocidental, o primeiro é frequentemente tratado como superior ao segundo. Também se destaca o artigo *“Violência digital contra mulheres: Categorias de exclusão de gênero nas redes”*, do autor Henrique Schlumberger, que aborda as novas formas de opressão contra as mulheres no ambiente digital. O artigo *“Entre Religião e Colonialidade: Performatividade feminina no Festival de Cannes de 2024”*, do autor Hudson Silva Lourenço, revela a opressão das mulheres em um festival de cinema de grande projeção.

Neste bloco de estudos, o artigo *“Mulheres de Umburanas: Patriarcado e dote”*, das autoras Caline Oliveira Santos e Andréa da Rocha Rodrigues Pereira Barbosa, mostra como o patriarcado se manifesta na vida das mulheres abastadas. Destacando a importância dos movimentos feministas como territórios de luta, o artigo *“Hannah Arendt e os movimentos feministas no Brasil (1980-1990)”*, do autor Álvaro Ribeiro Regiani, conta a história da filósofa, seu pensamento inovador e seu engajamento no movimento feminista.

A violência, enquanto estrutura persistente, é enfrentada. Sujeitas e sujeitos diversos fazem suas lutas de resistência, que indicam uma oposição firme à violência e também mostram formas de existência e recriação da vida nas relações de poder desiguais. Dessa forma, o terceiro conjunto de reflexões deste dossiê convida o público leitor a conhecer os artigos *“Mulheres Indígenas em Retomada: (Re)existência e trajetória silenciada nas lutas por direitos e territórios”*, de Ana Valéria dos Santos Silva; *“Falaremos pelos sons da natureza: (Re)existências no fazer cidade de Mulheres Indígenas”*, da autora Verônica Araújo Mendes; *“Para uma Saúde Global Crítica e Ancestral: Ilera, como faziam as nossas mães e avós”*, das autoras Fernanda Luchiarri de Lima e Leila Rodrigues Rocha; e *“O Mundo Místico das Matas: Experiências de mulheres na floresta Amazônica e suas vivências com a territorialidade”*, da autora Adriane Silva. Esses artigos são imersos em histórias de lutas de mulheres nos diversos

territórios e apresentam as forças das mulheridades em viver, apesar das políticas de negação de suas vidas.

Esses três conjuntos de artigos têm como objetivo mostrar, por meio das escritas acadêmicas das ciências humanas e sociais, histórias sobre as lutas cotidianas e processuais construídas por mulheres em diversos territórios. Tanto as histórias analisadas quanto as escritas sobre elas constituem ações indicativas de destemor frente aos projetos e práticas de exploração e dominação colonialistas, e estão à disposição do público leitor.

Boas leituras.

Dourados, MS, 24 de fevereiro de 2025.

Maceió, AL, 24 de fevereiro de 2025.